

58 1100 94
São Francisco

O ministro Aluizio Alves, ao discorrer sobre o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco para o semi-árido nordestino — 'Quatro respostas sobre a transposição', no JB de 5/10 — sugere que os eventuais impactos negativos da obra sobre o meio ambiente serão toleráveis, quando avaliados à luz dos conhecidos impactos da seca, causados pela 'mão-de-obra'. De fato, não será pela vereda da preocupação ambiental que deverão surgir os principais questionamentos com relação à viabilidade do empreendimento ou quanto à melhor época para sua implantação. Por outro lado, mesmo enfocando o projeto a partir de uma ótica que privilegie o desenvolvimento do Nordeste, existem algumas questões que não foram ainda suficientemente esclarecidas:

1) antes de importar água do São Francisco, por que não esgotar o potencial hídrico do semi-árido, pela expansão da capacidade de regularização e de adução, bem como pela implantação de uma política de gerenciamento da disponibilidade hídrica, que aliás já foi iniciada no Ceará?

2) qual será o impacto da eventual transposição sobre o potencial de produção agrícola irrigada no próprio vale do São Francisco?

3) qual será o custo global do empreendimento, contabilizando aí: a) a obra em si; b) os projetos de irrigação e de adução; c) a expansão da produção de energia elétrica na Amazônia e de transmissão para o Nordeste, devido à redução da energia firme do rio São Francisco?

4) por que não atrelar a reforma agrária na região ao maciço investimento federal no projeto? **Jerson Kelman, engenheiro, ex-presidente da Associação Brasileira de Recursos Hídricos — Rio de Janeiro.**